

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PARINTINS, AM

2017

1

WESLEY DIAS CERDEIRA

**PERSPECTIVAS ECOCRÍTICAS NA AMAZÔNIA: UMA ABORDAGEM DA
POÉTICA DAS ÁGUAS DE THIAGO DE MELLO**

Trabalho apresentado à Universidade do Estado do Amazonas(CESP/ UEA), Curso de Licenciatura em Letras, para obtenção de nota na disciplina de Produção Acadêmica em Letras III, sob a orientação da Prof. Dra. Gleidys Meyre da Silva Maia.

PARINTINS, AM

2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Estevan Bartoli

Prof. Dra. Edinelza Macedo Ribeiro

Prof. Dra. Gleidys Meyre da Silva Maia

Dedicatória

*Para minha Nayllana, minha pequena
criança que se tornou a razão de tudo isso.
Tudo o que faço é por você, meu amor.*

Agradecimentos

Inicio dando meus agradecimentos a todos os trabalhadores deste país que lutaram e lutam por um ensino gratuito e de qualidade na busca de igualdade de direitos para todos os cidadãos brasileiros desse país. A conquista deste trabalho de conclusão de curso não é apenas minha, mas de uma série de pessoas que contribuíram direta e indiretamente para sua realização. Meu muito obrigado a todos! Seguimos na luta.

Agradeço à minha família por todo apoio e incentivo durante a graduação e desenvolvimento deste trabalho. À minha mãe e irmãos por sempre estarem ao meu lado em todas as adversidades, meu muito obrigado por contribuírem diretamente me dando todo o aparato e apoio durante a graduação.

Minha eterna gratidão à minha orientadora, professora e posso dizer com toda a alegria, amiga Gleidys Meyre da Silva Maia por todo o conhecimento compartilhado ao longo de quatro anos. Este trabalho se deu a partir do desafio lançado por ela de utilizar uma teoria recente como a Ecocrítica na literatura Amazonense.

Por ultimo deixo meus profundos agradecimentos à minha filha, Nayllana Cerdeira com quem em diversos momentos estive ausente e não lhe dei a atenção merecida. Obrigado por ser o maior incentivo no processo de desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

A pesquisa em ecocrítica visa lançar um novo olhar aos estudos culturais através da união entre as teorias literárias e culturais e a ciência da ecologia abrindo espaços de discussão sobre os problemas ambientais em todas as esferas sociais. Este trabalho vem trazer a perspectiva destes estudos na poesia de Thiago de Mello em uma análise interdisciplinar da relação entre natureza e cultura. Na análise ecocrítica serão avaliadas as representações e construções com o intuito de encontrar uma distintividade no discurso literário de Thiago de Mello que traga contribuições para os debates ambientais. Compreendendo estas questões, pretende-se adotar o método dialético que permite relacionar diferentes temáticas em um encontro cruzado de ideias para explicar uma dada situação nesse conflito a partir de diferentes pontos de vista. Com isso, busca-se entender a relação entre natureza e cultura trazendo um discurso transformador e crítico sobre as questões ambientais na Amazônia partindo de uma análise cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Ecocrítica; problemas ambientais; cultura; Amazônia.

ABSTRACT

Ecocritical research aims to launch a new look at cultural studies through the union of literary and cultural theories and the science of ecology opening spaces for discussion on environmental problems in all social spheres. This work brings the perspective of these studies in the poetry of Thiago de Mello in an interdisciplinary analysis of the relation between nature and culture. In the ecocritical analysis the representations and constructions will be evaluated in order to find a distinctiveness in the literary discourse of Thiago de Mello that brings contributions to the environmental debates. Understanding these issues, we intend to adopt the dialectical method that allows us to relate different themes in a cross-fertilization of ideas to explain a given situation in this conflict from different points of view. With this, it seeks to understand the relationship between nature and culture by bringing a transformative and critical discourse on environmental issues in the Amazon starting from a cultural analysis.

KEY WORDS: Ecocritic; environmental problems; culture; Amazon.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. Capítulo 1: Perspectivas Ecocríticas na Amazônia	
1.1 Uma introdução os estudos ecocríticos.....	14
1.2 A Ecocrítica na Cultura Amazônica.....	18
1.3 O despertar para o verde.....	20
Capítulo 2: A Poética das Águas de Thiago de Mello	
2.1 O Imaginário das Águas.....	22
Capítulo 3: A ecologia do homem amazônico na lírica de Thiago de Mello	
3.1 A relação do homem com a Amazônia.....	30
3.2 É preciso cuidar da floresta.....	34
3.3 Futuros: Sustentabilidade na Floresta.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

Introdução

Este trabalho é uma pesquisa em torno dos estudos ecocríticos que visa através da união entre as teorias literárias e culturais e a ciência da ecologia abrir espaços de discussão sobre os problemas ambientais em todas as esferas sociais. Esta discussão interdisciplinar vem justamente permitir uma crítica significativa da realidade e como se dá a relação entre natureza e cultura.

Com isso, busca-se compreender a relação entre o humano e o não-humano enquanto objeto de análise fundamental da ecocrítica. Partindo para uma análise cultural será analisada a relação entre literatura e meio ambiente para entender como se dão essas representações na produção artística literária em uma perspectiva voltada para as preocupações com o meio ambiente.

Pensando nesta interdisciplinalidade, o tipo de pesquisa que será adotada é a qualitativa por justamente abranger diferentes áreas de conhecimento que juntas constroem novas maneiras de ver e interpretar, permitindo assim, diferentes tipos de pesquisa e diálogos com diferentes teorias. Essa liberdade permite ao pesquisador ser parte integrante do processo de construção de novos conhecimentos e interpretar um dado objeto em diferentes pontos de vista.

A pesquisa em ecocrítica deve ser vista a partir de diferentes ângulos para que se tenha uma ampla dimensão do objeto e expanda o conhecimento que está sendo construído. Quando Silveira & Cósдова (2009, p. 31) afirmam que “a abordagem qualitativa opõe-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências...” quer dizer que esta modalidade compactua e faz diálogo com outras áreas de conhecimento, justamente para se analisar um objeto de diferentes ângulos.

No caso desta pesquisa, a análise tomará como base pressupostos críticos e teóricos da Ecocrítica que irão englobar as teorias literárias e culturais com a ciência da ecologia em uma preocupação voltada para as questões ambientais. Estas questões ambientais estão na contemporaneidade e necessitam de maior espaço de discussão, no caso desta pesquisa, o espaço de discussão a ser aberto está tanto na crítica cultural, como também o espaço acadêmico das ciências humanas.

Sendo uma modalidade de análise confessadamente política se faz necessário abrir estes espaços de diálogo nos amplos espaços culturais sobre os problemas ecológicos. Dessa forma, foram feitas as apropriações em torno da teoria ecocrítica para

serem aplicadas na literatura produzida na Amazônia. Juntamente com essa crítica literária serão utilizados o discurso ambientalista, teorias da literatura e cultura na Amazônia para entender como se dá a relação entre literatura e meio ambiente com preocupações necessariamente ecológicas.

O objeto de análise desta pesquisa é a poesia de Thiago de Mello que surgiu a partir de pesquisas em um projeto de PAIC que não teve continuidade por problemas burocráticos da própria instituição. Da mesma forma que os estudos e pesquisa em torno da Ecocrítica foram advindos deste projeto. Pensar, observar e analisar a poesia de Thiago de Mello como ecocrítica não é apenas a partir de um poema, mas de uma proposição de poemas que apontem para uma visão voltada para as preocupações ambientais.

A partir disso foi feita uma pesquisa em torno da obra do poeta com o intuito de compreender da maneira mais abrangente possível sua dimensão poética. Nisso foi feito um recorte para selecionar as obras e seus respectivos poemas que tivessem características estéticas e artísticas que pudessem abarcar uma análise ecocrítica. Partindo da relação do poeta com o seu espaço e como isso é representado em sua produção literária, passando a analisar sua poesia em uma relação do humano com o não humano.

Sua poesia se enlaça a partir do elemento água que atua como uma perspectiva que se liga aos demais elementos de sua matéria poética. Nisto a relação do homem com o seu espaço e com o rio serão parte fundamental na compreensão da relação do homem com suas ambiências. Isso influenciará diretamente na construção do imaginário das águas, tendo como principal subsidio teórico Gaston Bachelard para entender de maneira mais abrangente como esta imaginação da água discorre sobre a imaginação que surge da materialidade do mundo.

É dentro desta poética das águas que será feita a escolha dos poemas que apresentam características estéticas ecocríticas, em que serão utilizados os critérios que Lawrence Buell determina para textos ambientais que de acordo com Johnson (2009) estão no ambiente não humano, que não está apenas presente como dispositivo moldado, o interesse humano não é o único interesse legítimo, a responsabilidade humana para com o ambiente indicando uma orientação ética no texto e por ultimo, a presença de um senso ambiental como um processo. Esses critérios irão nortear a escolha dos poemas que estejam voltados para uma preocupação com o meio ambiente

em seu espaço de cultura, tendo como principal foco não apenas representações ambientais, mas princípios éticos que apontem para um senso de responsabilidade ecológica.

Partindo para uma análise mais profunda em uma preocupação ecocrítica foram selecionados os poemas que tematizam questões de preocupação ambiental. Assim como também modelos ecológicos que serão compreendidos a partir do tratamento que o sujeito dá ao seu ambiente físico.

Thiago de Mello é um homem de seu tempo, conhecedor e preocupado com os problemas ambientais da Amazônia. A transfiguração dessas questões em poesia é um fenômeno muito importante tanto na sua produção literária, quanto na produção latino-americana. Thiago mostra que tanto ele quanto a produção cultural estão inerentes aos problemas ambientais. A compreensão de Chizzotti (2008) quanto ao objeto de análise mostra que sua poesia enquanto objeto não pode ser compreendida apenas por uma esfera política ou padrão único de pesquisa, pois sua poesia é parte integrante de um processo de conhecimento de diferentes áreas.

Esta visão integrante de conhecimentos se faz muito presente em sua trajetória poética, em que sempre tematizou questões universais voltadas para o ser humano e sua boa relação com o espaço. Thiago de Mello sempre foi um militante em defesa da liberdade e felicidade fraterna. Essa utopia sempre foi voltada para os pobres e oprimidos, em que sonha e imagina um mundo em que só sua poesia pode alcançar.

A partir da década de 80 quando o poeta se torna mais regionalista centra-se na Terra, no caboclo, no índio, no homem em sua melhor relação com a terra e seu respeito por ela. Dessa forma, Thiago de Mello coloca em discussão os principais problemas ecológicos na Amazônia e como ela vem sendo tratada pelo homem. Chizzotti chama a atenção para este ponto quando explica que “O objeto não é um dado inerte ou neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas relações.” (2008, p.79). O objeto de análise na pesquisa qualitativa permite compreender a poesia de Thiago de Mello não como algo isolado, mas que pode ser vista em diferentes perspectivas que possam contemplar toda sua transcendência poética.

Compreendendo a concepção de sujeito pesquisador em sua relação dinâmica com o objeto esta pesquisa adota o método dialético, o qual permite relacionar diferentes temáticas em um encontro cruzado de ideias para explicar uma dada situação

nesse conflito. Isso permite observar o objeto a partir de diferentes pontos de vista que ajudem a compreendê-lo, pois ele não está neutro, mas em uma interdependência com o meio.

Ler Thiago de Mello em uma abordagem ecocrítica é entender como o encontro cruzado entre a matéria poética e o discurso ecocrítico contribuem para as preocupações ambientais e sociais. Como afirma Marconi & Lakatos (2010, p. 83) a dialética é “a grande ideia fundamental segundo a qual o mundo não deve ser considerado como um complexo de coisas acabadas, mas como um complexo de processos” e esses processos se dão a partir de uma unidade recíproca onde tudo se relaciona. Não existe uma verdade absoluta, existe uma série de processos que se relacionam e expandem o conhecimento.

Sua poesia enquanto objeto está condicionada às relações com o espaço cultural principalmente na reciprocidade entre natureza e cultura. Pensar as perspectivas ecocríticas voltadas para a Amazônia é entender os processos culturais existentes em uma abordagem voltada para as preocupações com o meio ambiente. Essa estreita relação da poesia de Thiago de Mello com as ambiências amazônicas interligadas às principais discussões ambientais nos permite ler e interpretar essa produção literária em uma perspectiva ecocrítica.

Thiago de Mello é um dos grandes poetas em torno dessa perspectiva que produzem uma literatura voltada para problemas e questões ecológicas de sua região. Essa produção é possivelmente perceptível à análise ecocrítica e se faz importante, principalmente pela pouca produção literária no Brasil em uma literatura de perspectiva ecocrítica.

Através desses pressupostos metodológicos buscar-se á compreender a poesia de Thiago de Mello em uma leitura analítica ecocrítica que tenta justamente entender os processos de representação e construção de sua realidade experiência. As principais obras a serem analisadas são “*Amazonas, Pátria da Água*” (2007), “*Mormaço na Floresta*” (1981) e “*Vento Geral*” que trazem uma abordagem poética voltada para a região Amazônica. Estes livros trazem uma nova visão poética do poeta que depois de voltar à sua Barreirinha no ano de 1978, começa a produzir uma literatura não apenas regional, mas preocupada também com questões sociais e ambientais da Amazônia.

Através do levantamento bibliográfico, tanto da poesia de Thiago de Mello quanto dos estudos em ecocrítica, foi possível conduzir o desenvolvimento desta pesquisa e principalmente se inteirar dos pressupostos críticos e teóricos da ecocrítica. Através disso pode se fazer a seleção dos poemas e submetê-los ao processo de análise. Sabe-se que “a pesquisa bibliográfica, em termos genéricos, é um conjunto de conhecimentos reunidos em obras de toda natureza. Tem como finalidade conduzir o leitor à pesquisa de determinado assunto, propiciando o saber...” (Odília, 2006, p. 120). Então todas as obras levantadas, sendo primárias ou secundárias foram lidas e selecionadas para serem utilizadas nesta pesquisa. Dentre eles livros de informação científica como teses, artigos e livros publicados. Outro recurso utilizado foi o de documentos eletrônicos, levantados principalmente no site oficial da ASLE – The Association for the Study of Literature and Environment como artigos e ensaios em torno da teoria ecocrítica. A pesquisa bibliográfica foi fundamental para abranger ainda mais este trabalho, pois propiciou conhecer informações fundamentais dos estudos ecocríticos, da poesia de Thiago de Mello, como também das questões culturais e sociais que envolvem a Amazônia.

Os principais teóricos em torno dos estudos ecocríticos a serem utilizados são Terry Gifford, Michael Cohen e Greg Garrard por justamente trazerem uma abordagem do desenvolvimento dos estudos ecocríticos e os desafios a serem superados na contemporaneidade. Ambos trazem novas perspectivas que vem justamente combater mecanismos de análise e conceitos ultrapassados. Tais teóricos irão nortear esta pesquisa partindo principalmente da discussão entre o discurso literário e o ambientalista.

Na análise ecocrítica serão avaliadas as representações e construções com o intuito de encontrar uma distintividade no discurso literário de Thiago de Mello que traga contribuições para o discurso ambientalista. Entender o encontro cruzado entre a matéria poética e questões ambientais é fundamental na seleção dos poemas que tematizem uma preocupação ecocrítica. Isso mostrará muito o posicionamento moral e político do poeta no espaço cultural em que se insere, pois é a partir dele em sua maneira de ver e interpretar o seu espaço que essa análise se desenvolverá.

Neste ponto da pesquisa iniciaremos a análise poética que partirá de teorias literárias e culturais tanto gerais como específicas da Amazônia, os problemas ambientais desta região com o discurso ambientalista e as apropriações teóricas da

Ecocrítica que serão aplicadas na poética das águas de Thiago de Melo. Com essa discussão, será desenvolvido um discurso transformador que permitirá analisar e criticar a realidade em que vivemos.

É papel da ecocrítica analisar estes fenômenos e abrir espaços de discussões sobre estes problemas ambientais, pois por mais que não seja seu objetivo solucionar estes problemas, deve reconhecer “a existência dos problemas, sua extensão, a natureza das ameaças e suas possíveis soluções.” (Garrard, 2006, p. 16). Thiago de Mello transforma sua poesia em uma verdadeira bandeira em defesa da Amazônia, onde coloca em destaque os problemas ecológicos na supervalorização da floresta, dos animais, do caboclo e o índio. Sua poesia traz de maneira significativa um discurso crítico, onde o cerne de sua poesia está na preservação da floresta.

Capítulo 1: Perspectivas Ecocríticas na Amazônia

1.1 Uma introdução os estudos ecocríticos

A título de introdução, buscaremos abordar as principais discussões em torno dos estudos em Ecocrítica, como também sua definição enquanto movimento relativamente recente dos estudos culturais. Este estudo toma como base teórica os críticos Terry Gifford, Michael Cohen e Greg Garrard em uma abordagem histórica do desenvolvimento dos estudos ecocríticos como também os desafios a serem superados em uma perspectiva pós-ecológica. Isso se faz necessário por se buscar solucionar os principais problemas da ecocrítica contemporânea utilizando mecanismos metodológicos analíticos que não admitem conceitos ultrapassados buscando aparatos na própria contemporaneidade.

De acordo com Johnson (2009) o nascimento da palavra ecocrítica é datado por alguns ecocríticos no ano de 1978 com a publicação do livro “*Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism*” (Literatura e Ecologia: Uma Experiência em Ecocrítica) que buscava relacionar a ecologia e seus conceitos para com o estudo da literatura. A partir desta publicação uma série de autores como Cheryl Glotfelty e Harold Fromm o utilizaram como referência em suas publicações. Dessa forma a partir de 1980 passa a se desenvolver uma aparato teórico que desse conta dessa aproximação entre ecologia e literatura, tendo uma grande focalização nas relações culturais do homem com o ambiente. Essa crítica que se entrelaça com a ciência em uma análise mais literária e cultural passa a ser chamada de Ecocrítica.

A literatura enquanto parte das manifestações culturais sempre foi um retrato das relações do homem com o seu ambiente físico. A partir das discussões ecológicas fortalecidas na década de 60 e posteriormente ela não poderia deixar de dar enfoque para os problemas ambientais difundidos em todos os espaços da sociedade.

Terry Gifford, no ensaio “*Ecocrítica na Mira da Crítica Atual*” explana sobre as principais fronteiras a serem enfrentadas pela ecocrítica na atualidade, principalmente numa crítica teórica interna mais rigorosa. Gifford (2009, p. 244) em seu ensaio explica que “tem havido debates sobre ênfases e lacunas, mas isso não desafiou diretamente as posições de que originou o movimento”. Essa crítica se dá pelo fato da ecocrítica não ter definido princípios teóricos fundamentais ou prática crítica essencial,

principalmente para não fugir de seu objetivo ou entrar em pragmatismos. Por mais que se tenha a valorização da interdisciplinaridade nesses estudos, esses debates que ocorrem devem ser guiados por uma atividade crítica e criativa fundamentais.

O autor aponta a partir disso duas visões críticas e panorâmicas dos estudos ecocríticos até a atualidade. Nisto será colocado em destaque os altos e baixos de ambas as visões, tanto da primeira-onda como da segunda-onda e, por fim, os rumos que devem ser tomados pela crítica atual. Através dos principais insights, Lawrence Buell buscou apresentar aspectos que trazem preocupações levantadas por Phillips, Cohen e Garrard para tendências de desenvolvimento passadas e futuras dos estudos ecocríticos.

Dentre estes aspectos temos primeiramente o duro ataque que Phillips faz à primeira fase a qual Cohen chama de “escola da canção de louvor” da ecocrítica. Este ataque se dá por esta primeira fase fazer uma celebração a partir de conjecturas ultrapassadas e equivocadas com base no realismo e no respeito. Isso gerou uma condescendência da prática ecocrítica, em que critérios de análise foram aceitos de maneira espontânea e voluntária. Essa questão foi um dos principais fatores que Gifford (2009) aponta para o fracasso na busca de uma crítica interna rigorosa, mas sua contribuição no que diz respeito às mediações de arte em suas instabilidades teve uma contribuição fundamental, pois é uma atividade fundamental para os estudos ecocríticos.

A revisão destes conceitos trabalhados na ecocrítica da primeira onda serão abordados de maneira revisionista pela segunda-onda em uma nova visão dos estudos culturais que dará enfoque para o ambientalismo evidente na contemporaneidade. Porém Buell ainda faz a mesma crítica com relação aos modos realísticos de representação, em que o problema está na leitura superficial da mimeses em literatura ambiental. Isso leva a uma visão reducionista e uniforme no sentido de ter apenas uma representação ou uma forma.

Essa visão deve ser integrada tanto na ecologia cultural, como da história natural onde Gifford (2009, p. 246) dá um exemplo de Buell “sobre sete representações de árvores de um determinado número de épocas e culturas, Buell demonstra que a ecologia cultural é tão importante quanto a história natural”. Compreendendo essa perspectiva de pensar na aproximação entre texto e ambiente Buell oferece três modos de pensar essa visão que são a retórica, performance e fazedora de mundo.

Esta perspectiva vai justamente de encontro a questões retóricas contestadoras dentro da ecocrítica “sem cair num construtivismo cultural doutrinário ou num objetivismo doutrinário.” (GIFFORD, 2009, p. 246) Enfatizando a análise metafórica que também será utilizada por Garrard, por este dar continuidade às ideias de Buell para o futuro da ecocrítica, busca-se uma nova visão, principalmente para evitar cair em construtivismo ou objetivismo cultural doutrinário. Buell busca trazer uma proposta de metodologia mais objetiva e atual, pois se estava utilizando uma retórica ultrapassada.

Seguindo esta mesma busca por uma metodologia mais rigorosa e analítica Cohen (2004) em seu ensaio “*Blues in the Green: Ecocriticism Under Critique*” (Blues no Verde: a ecocrítica na mira da crítica) determina três modos de análise:

I believe that the future of ecocriticism will rely on a more analytical method in three ways: It will focus on place and region it will adduce science in a way not unlike Cronon’s *Changes in the Land*, and it will include critique of global paradigms—scientific and cultural—as they fit in discussions of local place and possible future environmental outcomes. (COHEN, 2004, p. 24-25)

Cohen chama a atenção dos ecocríticos para questionar a natureza de narrativas ambientais de perto e não apenas exaltá-las ou elogiar-las como fez a primeira onda. O lugar e região na crítica ambiental contemporânea não pode ser compreendido apenas enquanto espaço, mas como ponto de observação e sua relação com o homem. Contudo, exige cuidado com relação ao apego a este lugar para que não caia no mesmo ceticismo da primeira onda com um determinismo ambiental sentimentalista. Gifford (2009) ainda enfatiza a conscientização, o qual diz que é preciso trabalhar de ambas as formas em direção à constituição de lugar pela natureza e pela cultura.

Este é um dos grandes paradigmas a serem enfrentados pela ecocrítica, pois tanto a natureza quanto a cultura devem ser vistas em conjunto e não em domínios separados. A ideia imaginativa de natureza está dentro das manifestações culturais e deve ser estudada através desta como composições uma da outra. O tratamento do lugar deve ser abordado de maneira global e não apenas regional como fez a segunda-onda. É preciso expandir as discussões ambientalistas para além do regional para que se tenha uma discussão mais ampla e global dos reais problemas que afetam o meio ambiente.

¹ “Eu acredito que o futuro da ecocrítica confiará em um método mais analítico em três modos: Focalizará em lugar e região, trará a ciência de forma não diferente de *Changes in the Land* (*mudanças da terra de 1984*) e incluirá uma crítica dos paradigmas globais –científicos e culturais –, conforme eles se ajustam em discussões do lugar local e desfechos ambientais futuros.” (COHEN, 2004, p. 24-25) (Tradução nossa).

Isto será posto em discussão mais a frente com as explicações de Garrard afirmando que a globalização é uma questão de grande atenção para o futuro da ecocrítica.

A globalização de acordo com Garrard (2006) é uma preocupação recente da ecocrítica e está inteiramente presente na vida do homem contemporâneo. Sua atuação na integração de economias e das sociedades de vários países conduz o crescimento econômico na produção e difusão de mercadorias e serviços aos mercados financeiros. Essa difusão se dá principalmente pela grande facilidade de informações que circulam, principalmente nos grandes meios de comunicação.

Existem dois pontos chave que exemplificam perfeitamente essa preocupação recente da ecocrítica com a globalização. O primeiro deles se dá pelo fato desta crítica focalizar os estudos culturais baseados no ambientalismo de hoje que, enquanto movimento social, político e filosófico, têm como principal alvo de críticas a globalização. O segundo ponto está na própria dinamização da consciência ecológica que é uma das principais discussões na contemporaneidade. Então a partir do momento que se tem a compreensão de que os recursos da natureza não são infinitos e que a degradação da natureza é ocasionada pela ação capitalista e globalizada do homem surge uma crítica radical com relação ao tratamento que o homem tem dado à natureza.

Este fenômeno que González (2010, p. 98) explica ser “la aparición de la conciencia ecológica como el signo más característico de los nuevos tempos: la gran novedad histórica de este fin de siglo – afirma – es la aparición de la conciencia ecológica.” A partir disto surgem tanto nos meios culturais, quanto nos grandes veículos de comunicação discursos em defesa da natureza, contra a poluição, desmatamento, aquecimento climático, fauna, flora, etc. Nisto, tanto a literatura como outras manifestações culturais não estão alheias aos problemas ambientais em seu enfoque ativista ambientalista. Os estudos culturais devem estar preparados para abordar estas diferentes relações em suas localidades e discutir estes problemas em caráter global.

A ecocrítica deve buscar compreender estas visões com o intuito de trazer um retrato do presente, do agora e posicionar o homem neste processo em sua responsabilidade perante a problemática ecológica. Gifford chama a atenção para essas diferentes visões com o objetivo de desenvolver uma crítica e critérios de análise que estejam na contemporaneidade. Estes critérios de acordo com Gifford (2009) estão na globalização e ecologia pós-moderna, ambas desenvolvendo um relacionamento pragmático entre cultura e natureza. Este mesmo relacionamento que se diferencia dos

anteriores e não pode ser analisado com mecanismos ultrapassados, mas sim por um novo conjunto de regras e normas mais rigorosas de uma análise para o que vem sendo produzindo no presente.

Embora Buell tenha sido um dos primeiros a considerar a globalização como uma questão de maior atenção dos ambientalistas, são Terry Gifford e Greg Garrard que irão discutir com maior profundidade a questão da globalização utilizando-se do ambientalismo moderno em suas críticas a esse sistema global buscando aparatos críticos na ecologia e culturas pós-modernas.

1.2 A Ecocrítica na Cultura Amazônica

No Brasil, a ecocrítica enfrenta não apenas a escassez de teoria crítica ainda em formação, como também da pouca produção de uma literatura com perspectiva ecocrítica. Observando o atual estado da ecocrítica nacional, percebe-se que os estudos vêm crescendo com o início de uma construção crítica literária. Contudo, se faz necessário um debate maior, pois existe uma fortuna crítica e cultural que embora não esteja diretamente ligada à ecocrítica tem debatido questões sociais e ambientais, tanto nas ciências humanas, como biológicas e exatas. Ou seja, o debate ecológico tem acontecido em outras áreas, mas na literatura o debate ambiental e ecológico tem tido um impacto menor. Isso se dá principalmente pela não evidencia dessas discussões, pois existe uma produção literária que amiúde vem tematizando questões ambientais não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina.

O principal desafio da ecocrítica brasileira está na apreensão dessa crítica ambiental em união com os mecanismos de análise ecocrítica para buscar uma distintividade em suas próprias tradições. Os mecanismos de análise fundamentais da ecocrítica já mencionados neste trabalho serão mantidos, mas devem se aliar com a crítica ambiental e ecológica de outras áreas na busca de desenvolver uma metodologia de análise que atenda à produção cultural do país que é distinta da Inglesa e Americana.

A relação do homem com o seu espaço sempre foi uma questão presente dentro da literatura, pois através da sua realidade experienciada o homem faz essa transfiguração através do seu imaginário para a ficção. Porém, a ecocrítica não vai se preocupar somente com essas representações, mas sim as representações que tragam preocupações com meio ambiente e analisar como se dá este processo na relação do

humano com o não-humano na literatura. Por esse motivo as temáticas de preocupação ambiental devem ser entendidas e analisadas como processos e não como questões prontas e acabadas. A inflexão cultural existente na literatura para problemas ambientais é um fenômeno da contemporaneidade e deve ser compreendida através de mecanismos da contemporaneidade.

A principal mudança está justamente no despertar desses escritores para com a natureza assumindo uma postura crítica em suas produções. Kate Rigby (2000) em seu artigo intitulado “*Ecocriticism*” afirma que a ecocrítica vem lembrar da terra mostrando a obrigação que a cultura deve ter com a natureza reestabelecendo esta relação que parte para além do texto, mas em defesa da natureza.

O direcionamento desses estudos na Amazônia se faz de grande importância por ser um vasto campo de pesquisa para a Ecocrítica. Primeiramente por ser uma região, onde o homem tem uma forte relação com seu espaço, existindo assim, um conflito entre homem e natureza. Segundo, pelo fato de o processo de formação e desenvolvimento civilizatório ter resultado em diversos problemas que partem do âmbito político, social e ecológico.

Na década de 60, mais especificamente, o mundo volta seu olhar para a Amazônia que de acordo com Ab’Sáber (2004, p. 131) “foi apresentada ao mundo ocidental como uma região uniforme e monótona, pouco compartimentada e desprovida de diversidade fisiográfica e ecológica”. Era visto como um espaço sem gente e sem histórica cultural, mas era apenas uma região esquecida e marginalizada diante das demais, não apenas do Brasil, mas da América Latina.

Mas isso tem mudado, principalmente com o grande impulso que a globalização pôs sobre esta região, que passa a ser, como afirma Pizarro (2012, p. 20) “uma área fundamental nas perspectivas futuras, não apenas na América Latina, mas da própria humanidade, uma vez que guarda a maior biodiversidade do planeta e os recursos minerais essenciais para o desenvolvimento energético”. Porém é um espaço que vem sendo mal explorado e sujeito a manipulações que afetam diretamente sua rica biodiversidade. A preservação e o cuidado com a floresta estão presentes no imaginário amazônico e isto tem sido desenvolvido nos âmbitos culturais, sendo uma forma de criticar estes impactos ao ecossistema. Assim como também mostrar que existe uma preocupação do homem amazônico em preservar a floresta e isso se transfigura para a cultura.

A ecocrítica tem um papel fundamental na cultura amazônica por justamente poder intermediar estes problemas ambientais de âmbito científico com a cultura. Proporcionar um olhar da produção literária na Amazônia para com os problemas ambientais é algo fundamental na dinamização dessas questões em outras áreas de conhecimento ampliando o debate ecológico existente nesta região.

1.3 O despertar para o verde

O despertar para o verde está justamente no posicionamento que o homem dá à natureza enquanto ponto central de seus interesses em suas múltiplas ramificações sejam elas políticas, filosóficas, sociais e culturais. Goodbody (2014, p. 2) entende que “A literatura exerce um importante efeito nesse sentido, transformando ameaças abstratas em possibilidades mais concretas e palpáveis para os seus leitores, como um alerta sobre atitudes que devem ser evitadas para que o pior não aconteça”. Sendo assim, a transfiguração de problemas ambientais na literatura está justamente na maneira como o homem interpreta seu espaço, como também o discurso ambiental que está presente na sociedade contemporânea. Esse olhar sensibilizado para a natureza ocorre nas mais diversas culturas, tornando as questões de representação ambiental algo relevante em todo o mundo.

Compreender os processos de representação e construção da realidade experienciada voltadas para as questões ambientais vai partir da união entre cultura e ecologia. Os problemas ambientais estão em grande evidencia principalmente no contexto de globalização, então é explicável a reconecção da cultura com a natureza. Esta explanação se justifica com a afirmação de Carson apud Cohen (2004), em que explica que a função mais importante da literatura hoje é no redirecionamento da consciência humana a uma consideração com o seu lugar em um mundo natural ameaçado.

Thiago de Mello enquanto representante da cultura amazônica na América Latina é um dos grandes representantes desta perspectiva à qual Goodbody (2014) chama de textos verdes. Sua poesia, principalmente a partir da década de 80, torna-se mais regionalista, ainda preocupado com a vida, mas agora centrado na Terra, no caboclo, no índio, no homem e a sua melhor relação com a Terra e o respeito a ela.

Dessa forma, o poeta coloca em discussão os principais problemas ecológicos na Amazônia e como ela vem sendo tratada pelo homem.

Nesta fase sua poesia não está apenas centrada no homem e suas frustrações com o mundo, mas na busca de focalizar temas relacionados com a Amazônia e a relação do homem amazônico com seu espaço. Com isso observa-se uma poesia crítica geradora de discussões e reflexões em defesa da Amazônia. Este fenômeno que se dá em sua poesia é uma grande mudança numa perspectiva poética que antes era apenas voltada para a pregação de valores da existência humana, mas agora os reposiciona na Amazônia. Em nenhum momento se afirma que sua poesia não é preocupada com o espaço e a boa relação do homem com este, mas adota-se uma postura em uma visão completamente ambiental preocupada com a natureza e de modo mais específico com a Amazônia. Sua lírica assume uma postura humanizadora, em que imagina um mundo em que o homem vive em respeito e comunhão com a natureza.

O poeta traz consigo valores e aprendizados universais que também se fazem presentes nos seus poemas mais regionalistas. Os poemas mais universais são a construção de um pensamento que pode ser refletido em toda a sua poesia como um pensamento moral e político definido. Sendo assim, os poemas regionalistas vem ser a reflexão desse pensamento universal na região amazônica. Como um profeta Thiago de Mello prega valores comprometidos com a verdade, à liberdade e a vida pela vida em defesa da Amazônia e é dentro da poética das águas que serão abordas todas estas questões.

Capítulo 2: A Poética das Águas de Thiago de Mello

2.1 O Imaginário das águas

A título de introdução deste capítulo, busca-se uma reflexão crítica em torno da construção imaginária das águas com o intuito de trazer uma maior compreensão em torno da Poética das Águas. Como principal subsidio teórico, busca-se em Gaston Bachelard compreender a imagem das águas enquanto elemento poético e material em seus diversos estados. Nisto discutiremos como a imaginação da água enquanto matéria discorre sobre a imaginação que surge da própria materialidade do mundo. A poesia de Thiago de Mello é um retrato desta perspectiva da água enquanto elemento fundamental que se liga aos demais elementos que compõem sua matéria poética. Serão estudadas as imagens substanciais da água e o poeta enquanto sonhador que faz uso deste elemento em seu imaginário literário.

Neste trabalho, temos a união de duas teorias distintas, primeiramente com a teoria ecocrítica e em seguida a poética das águas com relação ao imaginário literário em Gaston Bachelard. Ambas as teorias se contemplam, pois a primeira busca compreender a relação do humano com o não humano na produção cultural, enquanto objeto de análise fundamental. Já a segunda, busca dar uma visão da construção do imaginário literário na perspectiva do elemento água que se dá a partir da relação do homem com seu espaço de materialidade. O imaginário, como entende Trindade&Laplantine (1997, p. 25) “faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida” influenciando diretamente em como o homem vê e interpreta seu espaço social, sendo construções e representações de uma realidade exterior. A ecocrítica nesta esfera cultural irá buscar rastrear as ideias e as representações ambientalistas que tenham utilidade no debate ambiental.

Dessa forma, ler literatura na análise ecocrítica é ler com um olhar na sua relação com meio ambiente. O imaginário de Thiago de Mello é construído a partir da simbologia das águas que vem ser a interpretação e representação de sua realidade. Dessa forma expressa sua relação com seu espaço, onde nesta análise cabe à ecocrítica estudar essa relação, como explica Garrard (2006) abrindo um espaço para a ecocrítica literária e cultura.

Não será considerado neste estudo o passado cultural, mas sim o presente, o momento em que a imagem acontece, por justamente ela não ser, como explica Bachelard (1974, p. 183) “um eco de um passado. É antes o inverso: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade vão repercutir e cessar...” De acordo com este raciocínio a imagem poética é um ser próprio, com um dinamismo próprio, não necessitando conhecimento tanto cultural do passado, como também do escritor.

A poética das águas em Bachelard (1997) ou imaginário das águas propõe uma relação de unidade e reciprocidade com a água enquanto elemento da natureza que é base da matéria poética. Nisto, “a água é a senhora da linguagem fluida, da linguagem sem brusquidão, da linguagem contínua, continuada, da linguagem que abranda o ritmo, que proporciona uma matéria uniforme a ritmos diferentes...” (Bachelard, 1997, p. 193). A poesia da água vem trazer o significado de pureza, enquanto elemento carregado por significação baseada nos sonhos, que corre, flui, singra em uma linguagem única com uma poesia que sempre corre e escoar num elucidar de palavras

Em Thiago de Mello, as águas são o lugar por onde envereda seu espírito aventureiro e sobre elas enaltece a liberdade, a vida e os demais elementos que compõem sua matéria poética. As imagens que se tem das águas é vista no mar e nos rios que são os caminhos da esperança na busca de suas utopias. Nisso a maioria de seus poemas trazem essas imagens de um lugar calmo sobre as águas aprendendo lições e valores que estão no seu silêncio existencial. A água vem servir de caminho e sua poesia acima destas águas segue o seu curso como no poema “Barcos e ventos”:

Estimo o velejar fácil
de barca singrando o rio
sem qualquer anciã de porto.
No singrar já se compraz.

Além das águas, desejo
ouvir o rumor do vento
que agita o mar e saber
a que rumo ele me impele. (MELLO, 2009, p. 33)

Na construção poética, tanto em poesia como em prosa poética, se observam outros elementos que compõem a imagem figurativa das Águas como os ventos que agitam as águas e sabem para que rumo elas levam. Neste poema, temos a representação da imagem de uma barca singrando sobre o rio, tendo a união de outro elemento, o vento, sabedor dos rumos que o aguardam. Assim, o poeta traz uma visão metafórica na

qual através das palavras o poeta viaja na busca de uma preciosa terra. Thiago de Mello fala das águas, pois estas mesmas águas antecedem a terra e toda a vida. A água atua como elemento simbólico de pureza que carrega em si valores que se movimento no correr do rio leve e lava trazendo mudanças com o intuito de trazer uma transformação significativa, sendo assim, a água leva e lava as impurezas em transforma o espaço.

Por esse motivo apenas idealiza e sonha com esta terra, pois ainda não pode alcançá-la, então não pode vivenciá-la em poesia prevalecendo às águas. Assim como na criação do mundo as águas antecederam a terra, o poeta inda não antecedeu está terra que só sua poesia transcendente pode alcançar.

Nesta compreensão da imagem Durand (2011, p. 10) vem dizer que “A imagem pode se desenvolver dentro de uma descrição infinita e uma contemplação inesgotável...” A partir dessas manifestações o poeta nos transporta para um novo mundo, um mundo que só pode ser compreendido em sua dimensão poética completa. Embora aborde problemas de preocupação existencial, o autor traz consigo uma transcendência política que nos permite observa-lo de dentro para fora. Suas aprendizagens estão no âmago de seu ser, no seu silêncio existencial e geram diversas reflexões sobre os valores da existência humana.

A imaginação poética de Thiago de Mello e suas visões em uma verdadeira utopia estão sob a dependência da água enquanto elemento e matéria. Por mais que a poesia tenha o seu lado abstrato, subjetivo e imaginário, elas também tem uma matéria. A filosofia de Bachelard (1997) acredita em uma filosofia da imaginação que estuda a casualidade natural e a formal por justamente elas terem também uma materialidade. Mas o maior diferencial no Poeta está justamente no papel social que consegue dar à sua poesia não deixando de lado a perspectiva das águas.

As reflexões em torno de sua poesia mostram que é preciso repensar as relações do homem com seu espaço, relações essas que devem ser mais humanas. A obra *Silêncio e palavra* (1951), marco de sua estreia na literatura expressa sua grande concepção de mundo no contexto histórico em que vivia. Em sua trajetória poética percebemos claramente as desesperanças do século XX e ao mesmo tempo de que a esperança ainda não está perdida e é preciso reconstruir o mundo sob novos modos. Estes mesmos modos expressos na sua poesia trazem uma série de valores que vão contra a bandeira do capitalismo pregando a comunhão de todas as coisas. Este mundo

sonhado por Thiago de Mello é visto desde os seus versos mais regionalistas aos diferentes temas e perspectivas sociais.

O que se entende da poética de Thiago de Mello, é um construto a partir de um pensamento que se desenvolve nas suas aprendizagens intimistas e espirituais como esclarece Kruger:

Segundo as principais diretrizes artísticas do período, Thiago se apresenta, nessa primeira elocução, com preocupações existenciais [...] Uma fortaleza possível contra a morte é a Poesia. Por isso, em momento de intensa iluminação, o poeta diz: “Somente sou quando verso” (*Rumo*). Ele sabe que “Preciosa terra existe/ rondada por altos muros/ onde só penetraremos/ por senda única, estreita, / de palavras construída” (*Da poesia*). (MELLO, 2009, p. 8-9)

As preocupações existenciais de Thiago de Mello não são apenas manifestações de sentimentos, mas também a demonstração de um conjunto de qualidades morais definidas. Isto é transmitido através de suas palavras construídas em um princípio moral e ideológico que conseguem alcançar essa Terra e permitir ao leitor também sonhá-la. O poema “Silêncio e Palavra” busca representar o silêncio enquanto princípio de tudo o que somos, aprendemos, refletimos e no silêncio transfiguramos em palavras. Essa transfiguração do silêncio vem com o seu espírito transformador que converte princípios e valores em poesia.

Thiago de Mello é um homem que viu os momentos mais conturbados do século XX e trouxe consigo as desesperanças do fim deste período. Ao mesmo tempo sonha no nascimento do novo milênio um mundo onde prevalece a fraternidade, paz e liberdade. No poema “Acalanto para o Náufrago” se tem a figura deste homem. Coloca-se o náufrago como um jovem que teve seus sonhos arruinados, naufragados pelo mar (metamorfoza o náufrago como século XX que segundo o poeta é perverso), mas que ainda tem esperanças de sonhar: “Amanhecido na praia, / crianças o encontrarão/ impregnado de verde.”.

Neste poema a simbologia do náufrago que afunda nas águas representa uma nova vida e um novo homem que depois de imerso retorna como um ser renovado. Esta renovação sob novos valores estão presentes em toda a obra de Thiago de Mello. Neste poema temos a imagem da água agrupada a outras imagens que tem uma tarefa importante em sua imaginação que está na desobjetivação e subjetivação que são fundamentais em sua composição poética.

São esses os valores que abarcam um conjunto de qualidades morais que formam seus sentimentos demonstrando suas aprendizagens em silêncio. No poema “O pássaro louco” se tem um pássaro que rejeita a exaltação de seu singelo pouso em detrimento da paisagem exuberante que o mundo oferta, sendo apenas parte insignificante dela. O pássaro louco se alheia aos amplos espaços e vive em liberdade nele. Este lugar sonhado pelo poeta só suas palavras puderam alcançar, onde ele é apenas parte insignificante, mas não menos importante na exuberância do mundo:

Preciosa terra existe
rondada por altos muros
onde só penetraremos
por senda única, estreita,
de palavras construídas. [...]
Enquanto não encontrarmos
o lugar onde a verdade
aguarda a mão que a labore,
debalde caminharemos.
(Já não bastasse o tão nosso
caminhar inesquivável
para um fim desconhecido.) (MELLO, 2009, p. 48-49)

Esse mundo maravilhoso e cheio de riquezas é o mundo da poesia que faz o leitor refletir que é preciso nos conhecer mais intimamente e em silêncio. Assim como ele, devemos enveredar em novas jornadas, despertando o espírito aventureiro e buscar a felicidade. Thiago de Mello é um aventureiro que através das palavras busca e sonha com um mundo melhor onde o homem vive em comunhão com a aquilo que é realmente importante e sublime, a felicidade fraterna.

A continuidade dessa perspectiva se vê presente na obra “*Narciso cego*” (1952), sua segunda obra publicada, em que temos o Narciso que na mitologia grega se apaixonou por sua própria imagem, mas o de Thiago de Mello é cego. Como explica Kruger “o Narciso de Thiago é cego, o que contraria o significado do termo narcisismo [...] Sendo cego, o narciso que é o poeta não é apaixonado por si mesmo, mas pelo outro...” (MELLO, 2009, pg. 10). Nisto o autor critica a incapacidade de cada ser em se conhecer na sua condição individual, ou seja, é preciso nos conhecermos mais enquanto seres humanos e nos redescobrir. Ter a sabedoria de nos redescobrir e pensar de maneira diferente as coisas do mundo e sua relação com este.

A obra “*Tenebrosa Acqua*” (1954) composto de cinco poemas classificados como episódios vem mostrar seu espírito aventureiro. Este espírito que viaja em um barco cheio de mistérios vindo da crista dos astros se deixa levar pela correnteza e ventos que sabem do seus destino. “As águas” por onde navega este barco já nasceram

navegadas, vazias de mistérios e ermas de rumos. Águas que separadas por fendas “pela conquista escura do abismo;/ águas endoideceram, esfomeadas/ de terras, e das terras receberam/ o pranto morto e amargo que as salgou.”

Assim todas as águas partiram e repartiram o mundo, sendo umas doces e outras salgadas, mas para o poeta são todas irmãs e servem de caminho aos seus mais insólitos mistérios nas profundezas das últimas águas. “Os ventos” conduzem ao destino soprando e trazendo esperanças que busca “O barqueiro” navegando em um rio de estrelas que flui e conduz à utopia da liberdade.

O tratamento de pureza que ele dá à água em sua poesia enquanto princípio de valor moral mostra um caminho e um ideal, onde se deixa valorizar em dois sentidos como explica Bachelard:

A matéria, aliás, se deixa valorizar em dois sentidos: no sentido do aprofundamento e no sentido do impulso. No sentido do aprofundamento, ela aparece como insondável, como um mistério. No sentido do impulso, surge como uma força inexaurível, como um milagre. Em ambos os casos, a meditação de / uma matéria educa uma imaginação aberta. (BACHELARD, 1997, p. 3)

Sua poesia é como um rio e seu espírito é a extensão de sua canoa não havendo separação entre Os barcos, A águas, Os ventos, O barqueiro e A caravela. Ambos compõem o espírito aventureiro de Thiago de Mello e seguem a visão sacralizadora da água. Através da água doce do rio o poeta expressa uma água mítica como fonte de vida em seus múltiplos mistérios e utiliza princípios e valores para expressar a alegria pregando a liberdade e a fraternidade.

No seu aclamado livro “*Faz escuro, mas eu canto*” (1965) o autor põe sua espiritualidade em prática colocando-se “a serviço dos humilhados porque sabe que a redenção deles marcará a sua e a nossa liberdade.”. O autor faz poesia e política em seus versos contra o capitalismo e suas políticas de dominação. Neste período se vê obrigado a sair do Brasil por conta das perseguições da ditadura militar, indo exilar-se no Chile. Em um grito de liberdade o poeta canta afirmando que:

É preciso trabalhar todos os dias pela alegria geral. É preciso aprender esta lição todos os dias e sair pelas ruas cantando e repetindo, a mão cristalina, a fronte fraternal. (MELLO, 1997, p. 11)

No poema “A vida verdadeira” se observa seu comprometimento com esta bandeira:

Pois aqui está a minha vida.
Pronta para ser usada.
Vida que não se guarda
nem se esquiva, assustada.
Vida sempre a serviço
da vida. (MELLO, 1997, pg. 161)

Este mesmo comprometimento o autor traz em suas preocupações com a Amazônia, onde nasceu e vive atualmente. “Os estatutos do homem” colocam em destaque essa preocupação com todas as formas de vida, mas principalmente com o homem. Os estatutos são os mandamentos que regem a vida verdadeira, esta, onde se prevalece a verdade, a vida, a liberdade do girassol de abrir para a sopra, onde se poderá confiar no homem, pois não existirá mentira e reinará a alegria. Tudo será permitido e o homem será um animal que ama.

Porém, o homem tem seguido por outros caminhos e ferido de maneira drástica tudo o que tem a sua volta. A obra “*Poesia comprometida com a minha e a tua vida*” (1975) é um alerta de que “É preciso fazer alguma coisa” para ajudar o homem que em pleno fim do século XX, abrindo as portas para o novo milênio se torna cada vez mais sozinho, individualista e feroz, como o poeta mesmo afirma “Perdido em seu caminho”. É preciso ajudar o homem a amar, a ser mais humano com as coisas realmente verdadeiras e importantes no mundo. Nisto ganha reconhecimento nacional e internacional passando ser um intelectual de referência em defesa dos direitos humanos.

É preciso prevalecer a verdade, pois, “Quem a encontrar, gasta um rio/ de palavras, inaugura/ braços e barcos, mostrando [...] Mas ela se acaba. / E quando se acaba/ é uma brasa oca, faminta, devorando o coração. A viagem de Thiago de Mello é uma busca por essa verdade e sua poética das águas é a transcendência que alcança essa verdade. Thiago de Mello é um artista que compõe seus versos como um rio que faz seu curso a caminho da esperança e felicidade. A poesia é o barco que leva suas palavras aos mais misteriosos caminhos e seu espírito rema a procura do reino de suas utopias. Nisto temos a poética das águas.

Na poética das Águas de Thiago de Mello, as águas ainda antecedem a terra e servem de caminho para as palavras, que só elas podem alcançar. E foi através da água, principalmente as águas do Amazonas com qual sempre teve uma forte conexão

enquanto caboclo ribeirinho que buscou expressar em toda sua transcendência poética valores e aprendizados que estão em toda sua produção literária.

Analisando com maior detalhe a dimensão poética de Thiago de Mello perpassando por algumas de suas mais importantes obras percebemos que a água é um objeto de grande valorização. Esta valorização se dá enquanto pureza em uma água limpa, pura e em alguns casos cristalina, mas principalmente por esta água acolher todas as imagens.

A partir do próximo capítulo nos aprofundaremos nas águas da Amazônia que como afirma Telles (2002), é onde o autor utiliza uma linguagem simplificada para representar os cantos dos pássaros, a contemplar a grandeza do firmamento e a decifrar os mistérios da natureza. Thiago de Mello é um dos grandes exemplos daquilo de Bachelard (1997) moral natural ensinada pela mediação de uma substância fundamental. Nisto serão discutidos os principais problemas ambientais da Amazônia em um diálogo com a teoria Ecocrítica.

Capítulo 3: A ecologia do homem amazônico na lírica de Thiago de Mello

3.1 A relação do homem com a Amazônia

Compreender a relação do homem com a Amazônia está muito além de uma relação intrínseca e maravilhosa com a natureza, mas de questões sociais, econômicas e ecológicas que interferem em sua vida. Os discursos que se tem sobre a região Amazônica são diversos e distintos devido, principalmente à miscigenação na sua formação cultural, tendo o olhar exótico europeu, o imaginário do caboclo e o místico indígena. Pizarro (2012) vem chamar estes discursos sobre a Amazônia de vozes do rio que se desdobram em uma infinidade de furos, igapós, lagoas, afluentes, numa verdadeira geografia das águas. Discursos esses que nos mostram outro mundo, uma nação dentro de uma nação, a nação das águas.

Thiago de Mello é uma dessas vozes, pois em sua poesia busca versar não apenas uma Amazônia exótica e maravilhosa, mas questões que vão desde marginalização, pobreza e miséria, mostrando que a relação do homem amazônico com o seu espaço envolve questões mais complexas que devem ser entendidas. Batista (2006, p. 11) explica que a Amazônia “É a terra mais nova do planeta, recebendo ainda o cheiro embriagador da sua infância geológica, e é a menos conhecida das regiões da Terra, dos paradoxos de sua natureza desnorante, ante a qual ruem os postulados das ciências naturais...” É por essa e muitas outras questões que a Amazônia ainda é vista de maneira complexa, tanto em seu ecossistema como em sua formação cultural.

Porém, o objetivo deste trabalho não está em discutir seu processo de formação, mas em dialogar com o agora, com o presente, pois “a filosofia da poesia deve reconhecer que o ato poético não está no passado - pelo menos não um passado no decorrer do qual pudéssemos seguir a sua preparação e o seu advento”. (Bachelard, 1974, p. 183). A análise dos poemas se dará a partir dos elementos da própria contemporaneidade, na qual Thiago de Mello vem tematizar também os principais problemas resultantes da crise ecológica na Amazônia.

Esta análise se inicia na Freguesia do Andirá, no coração da floresta e lar do poeta que versa tendo como fundo alegórico a água, o verde, os ventos, os pássaros e a paz feita de água. O tratamento sereno que o poeta dá à água é justamente porque ela representa a tranquilidade diante das situações, pois é preciso serenidade para enfrentar

as adversidades. Adversidades que estão diretamente ligadas aos embates sociais e ambientais em toda a Amazônia continental como também da realidade social dos moradores desta região, completamente diferenciada da exótica e maravilhosa eurocêntrica. Em sua lírica nos oferece um verdadeiro relato sobre a Amazônia, não apenas em sua realidade experienciada em relação com o seu espaço, mas em um olhar crítico que lança em defesa desta região:

Freguesia do Andirá,
amor que lanha o meu peito
Morada de gente triste,
desvalida e conformada
ao gosto insosso da vida. [...]
Haja peixe, o rio é bom,
só escasseia pela cheia.
Haja maniva na roça,
esperança de farinha,
o inverno chega e se acaba. (Mello, 2009, p. 284-285)

Neste poema nos mostra não apenas o seu espaço, mas os modos de vida do ribeirinho, a geografia e clima local dando voz a uma gente muito esquecida, mas que vivenciam e tem uma conexão muito forte com a floresta, e mais significativa com rio. Este mesmo rio que em suas condições geográficas interfere diretamente em suas condições socioeconômicas, como também em seu imaginário, pois através do rio com seus ensinamentos e mistérios o imaginar amazônico tem um diferencial. Uma coisa a ser entendida na poesia de Thiago de Mello com relação a estes povos oprimidos e esquecidos está justamente na valorização destas comunidades que sofrem diretamente com os impactos ambientais em múltiplas ramificações como será entendido a seguir.

O imaginário poético se dá a partir da imagem evocativa do rio que reproduz paisagens e a exuberância da floresta, mas também exerce o papel social em defesa da natureza e da Amazônia. Sua poesia se desenvolve em uma verdadeira fusão entre ecologia e cultura, nas quais o imaginário exerce tanto seu papel literário quanto crítico ambiental. Este fato se exerce em sua poesia por aquilo que Goodbody (2014) chama de estruturas opressivas do sistema cultural, dando voz a aquilo que é suprimido por essas culturas gerando um grande impacto cultural. Sua poesia se torna uma verdadeira voz para os pobres e oprimidos na Amazônia continental e abraça as causas ambientais gerando um forte diálogo com as principais discussões ambientalistas da contemporaneidade.

Compreender a relação de Thiago de Mello enquanto homem com o seu espaço é parte fundamental da ecocrítica neste trabalho, pois é através desta compreensão que

estamos dialogando entre literatura e ambiente. Em sua lírica, posiciona a natureza como ponto central de seus interesses evidenciando o cuidado que se deve ter com a fauna, flora, os rios retirando aprendizados que estão na vivência e no dia-a-dia do homem amazônico. Tudo isto está contido e ligado às águas como no poema *Como um Rio*:

Ser capas, como um rio
que leva sozinho
a canoa que se cansa,
de servir de caminho para a esperança.
E de levar do límpido
a mágoa da mancha,
como o rio que leva e lava. (MELLO, 1981, p. 26)

Assim, nos inspira a ser como o rio, ser o caminho para a esperança e liberdade que leva e lava as manchas impuras do mundo. Temos a visão metafórica da canoa, meio de transporte muito utilizado nas comunidades que vivem às margens do rio que carrega esses ensinamentos e aprendizados que advêm do rio e sua relação com este que compõe suas paisagens.

A água serve de caminho para sua canoa da esperança, sendo um elemento sagrado que limpa e lava evocando-a novamente como símbolo de pureza. Esta mesma água que assume seu caráter feminino embalador, “ela embala como uma mãe” (Bachelard, 1997, p. 136) e nos leva à origem de nosso ser. Enquanto símbolo de pureza a água acolhe outras imagens de pureza sendo um poema que busca uma renovação, limpeza e purificação. Todos os aprendizados estão em conexão com o rio, logo seu imaginário estará interligado na relação do homem e o rio.

Este mesmo rio que tem profunda intimidade com o chão e nos convida a conhecê-lo, a desbravar os segredos do chão. Batista (2006, p. 97) acredita que “só há uma força, hoje, no mundo, capaz de sustentar os ideais supremos de Liberdade, de Justiça Social e paz: é a cultura!”. Esta frase expressa de maneira exponencial o papel social da poesia verde de Thiago de Mello, que é uma das grandes vozes que ecoam as margens do rio, pois coloca em seus versos a realidade e os anseios da Amazônia, valorizando a relação do índio e do caboclo com quem o homem moderno tem muito que aprender.

A ecocrítica vem buscar através da literatura, compreender a relação da expressão da experiência humana, que como diz Cohen (2004) os ecocríticos vem oferecer através dessa investigação uma compreensão sobre a vida e o nosso lugar na

natureza. Algumas questões a serem compreendidas na maneira em que maneira podemos viver com o nosso espaço e principalmente como a relação do homem amazônico com a floresta e o rio podem trazer contribuições para um modelo ecológico.

O homem amazônico vive em uma sábia união com as águas, a floresta e os animais como em uma convivência solidária que é regida por leis e valores únicos deste lugar:

Eu venho desse reino generoso,
onde os homens que nascem dos seus verdes
continuam cativos, esquecidos,
e contudo profundamente irmãos
das coisas poderosas, permanentes
como as águas, o vento e a esperança. (MELLO, 2002, p. 28)

O poeta demonstrar neste poema a relação do amazônida seja ribeirinho ou pertencente a alguma etnia indígena, com o seu espaço em uma relação de integração com a natureza, cujos princípios e valores condicionam a sua maneira de viver. O homem amazônico ou o caboclo usa a floresta, não a devasta, sendo um povo que mesmo esquecido por grande parte das regiões metropolitanas permanece em serenidade com a natureza em suas coisas mais ínfimas e simples. Mas este equilíbrio tem estado em constante ameaça.

Assim Thiago de Mello nos convida a conhecer e aprender a ciência da selva e o habitar amazônico, como no poema *Lição da Escuridão*:

Caboclo companheiro meu de várzea,
contigo cada dia um pouco aprendo
as ciências desta selva que nos une. [...] Sabes o nome e o segredo de todas as árvores,
a paragem calada que os peixes preferem
quando as águas começam a crescer.
Pelo canto, a cor do bico, o jeito de voar,
identificas todos os pássaros da selva.
Sozinho (eu mais Deus, tu me explicas),
atravessas a noite no centro da mata,
corajoso e paciente na tocaia da caça,
a traição dos felinos não te vence. (MELLO, 1981, p. 31)

Os ensinamentos que o caboclo tem de sua região mostram outra forma de habitabilidade, bem diferente das *angustias e as urgências que devoram a vida do aflito animal da selva de pedra*. (MELLO, 2002, p. 78) Através da literatura Thiago de Mello mostra uma outra forma de habitar a terra e a explora em suas diversas possibilidades. Nisto vem expressar a íntima maneira do caboclo se relacionar e habita em seu espaço.

Como se está analisando a relação do homem amazônico com o seu espaço, se torna extremamente importante ressaltar a questão da habitação da terra. Esta questão é um ponto muito importante na análise ecocrítica, sendo fundamental para o dinamismo na análise entre a literatura e a natureza. Para Garrard (2006, p. 154) “Habitar não é um estado transitório; ao contrário, implica a imbricação a longo prazo dos seres humanos numa paisagem de memória, ancestralidade e morte, de ritual, vida e trabalho...” No caso da imagem a qual Thiago de Mello apresenta, temos o caboclo ribeirinho que vive e trabalha em sua relação com o seu espaço geográfico, onde percebemos a sabedoria advinda de conhecimentos como o conhecimento das árvores, peixes, o canto dos pássaros e as lições que a escuridão da noite apresenta.

Uma relação harmoniosa, onde seu espaço influencia em sua vida e aprende a conviver com a natureza sem prejudica-la. Compreender a relação do homem amazônico com seu espaço é entender também como habita este mesmo espaço, onde o poeta aponta um caminho de que é possível viver com a natureza. A ciência do homem amazônico está nestas aprendizagens com o rio, a floresta e os animais, percebendo-se assim através da poesia de Thiago de Mello que se busca mostrar um modelo ecológico, uma ecologia do homem amazônico.

3.2 É preciso cuidar da floresta

O Rio Amazonas é um grande ornamento para a exuberância da natureza, sendo dessa forma que o poeta irá centralizar dentro da poética das águas as preocupações ambientais e sociais deste magnífico e complexo ecossistema, que mesmo em sua grandiosidade é frágil e carece de cuidado devido à ação humana. Na obra “*Amazonas, Pátria da Água*” (2002), Thiago de Mello vem expressar uma verdadeira utopia da Terra em defesa da natureza e alertando para os perigos que ameaçam a região amazônica. A Pátria das Águas nasce desde os Andes e se estende abrangendo nove países da América Latina dando origem à maior reserva de água doce do mundo. Nisto, será colocado em cima de toda esta exuberância hídrica o grande território verde que está em ameaça.

A água é a principal fonte de vida e mãe que dá origem a todas as coisas, pois é doce e alimenta o mundo. Dessa forma mostra que tudo depende da água onde “o homem sofre os efeitos generosos ou adversos, da descida ou da subida das águas.”

(Mello, 2002, p. 27). A conexão do homem amazônico com o rio está inteiramente ligada à sua alimentação e ao seu trabalho de cada dia. O regime das águas interfere diretamente em sua situação econômica, ou seja, o homem está a mercê do rio, mas, ao mesmo tempo, esse mesmo rio diz o que o homem deve fazer para seu subsídio. Não é o rio que segue as regras do homem, mas o homem que segue as regras do rio.

A relação íntima e recíproca do homem com rio é de ensinamentos e aprendizagens, onde as águas ensinam ao homem o que deve fazer, colocando a água como um forte fenômeno da natureza. Mas diferente do rio, a floresta e os animais estão a mercê do home, a natureza está a mercê.

Enfim te descobrimos. Foi preciso
que as águas mais azuis apodrecessem,
que os pássaros parassem de cantar,
que os peixes fabulares se extinguissem,
e tua pele verde fosse aberta
pelas garras de todas as ganancias. (Mello, 2002, p. 33)

Utilizando-se de uma visão pós-apocalíptica para tematizar os impactos ambientais em torno do desmatamento extrativista, ao contrabando e caça predatória dos animais, à poluição dos rios e, sobretudo ao impacto que isso gera na vida do ribeirinho que para ele é o futuro da Amazônia. A exploração gananciosa que ocorre na Amazônia tem gerado impactos ambientais e perdido o controle com o aumento do desmatamento que de acordo com Ab'Sáber (2005) tem crescido pelo desenvolvimento de atividades agropecuárias. A devastação da mata tem diferentes caminhos de devastação que tem acarretado consequências e necessitam de alerta imediato. Isso é um problema muito sério, pois tem se tornado uma prática comum, onde proprietários compram terras na Amazônia gerando grandes impactos ambientais com a exploração, em sua maioria irregular e criminosa.

O papel social da poesia de Thiago de Mello tematiza e traz para o centro cultural de discussões os problemas referentes à crise ambiental que ameaça toda a Amazônia, sendo um problema também de caráter global. É por estes alarmantes que Guattari (1990, p. 25) afirma que “mais do que nunca a natureza não pode ser separa da cultura e precisamos e precisamos aprender a pensar “transversalmente” as interações entre ecossistema...” Principalmente pela importância de se dinamizar os problemas ecológicos, sendo a cultura uma aliada fundamental neste processo.

A exploração da Amazônia vem ocorrendo desde sua colonização e em plena globalização tem crescido de maneira alarmante resultando em uma verdadeira crise

ecológica em diversas áreas. Mas em meio a essas adversidades o poeta mostra um caminho em um plano moral e político verde:

Vem ver comigo o rio e as suas leis.
Vem aprender a ciência dos rebojos,
vem escutar os cânticos noturnos
no mágico silêncio do igapó
coberto por estrelas de esmeralda. (Mello, 2002, p. 28)

Essas leis e valores estão em um projeto moral e político verde, no qual Thiago de Mello utiliza o homem amazônico como modelo de ecologia que deve ser seguido. Esse modelo em que o homem vive em comunhão e respeito com a natureza, retirando dela apenas aquilo que é de seu sustento. Na sua poesia ele não prega um mundo natural intocável e puro, mas sim um mundo onde o homem possa viver em igualdade e justiça com o meio ambiente. A visão construcionista a qual Garrard (2006, p. 88) explica ser “A ideia de mundo natural, significando a natureza em estado não contaminado pela civilização, é o mais poderoso constructo da natureza de que dispõe o ambientalismo no Novo Mundo.” Thiago vai ao contrário deste construto e acredita em um relação de comunhão entre o homem e seu espaço.

A extração de madeira sempre foi algo que existiu, como explica o próprio poeta Mello (2002) inicialmente com o próprio que derrubou árvores para fazer seus instrumentos, sua maloca, como também o caboclo ribeirinho que ainda faz uso desta madeira em seu dia-a-dia, pois sobrevive da floresta. Mas algo em diferente é a prática extrativista que derruba hectares gigantescos de terra gerando grande devastação prejudicando e comprometendo ecossistemas inteiros. Escrevendo em prosa poética o poeta aponta o grande descaso e abuso da floresta que a “Cada dia aumenta mais o desflorestamento. A floresta Amazônica, fragmentada em toros, espremida na superfície dos compensados, hoje é levada para todas as partes do mundo...”. (Mello, 2007, p. 70)

Tanto a extração ilegal de madeira, quanto as práticas agropecuárias na Amazônia tem criado grandes focos de desmatamento tem acelerado o processo de desmatamento, mostrando que é preciso combater qualquer pratica de planejamento agrário que implique no desmatamento. Ab’Sáber (2004) diz que são poucos os que tem contribuído para uma visão consistente e construtiva das potencialidades agrárias da Amazônia que são minimamente sustentáveis.

Hoje é o sinistro nome de um país, cujos limites ninguém sabe
não, porque tem o tamanho da traição. Um país particular
dentro de um país, dentro da nossa floresta uma floresta
estrangeira, e uma nação arrogante dentro da nossa nação,

cada dia menos nossa cada vez menos nação (Mello, 2007, p. 72)

Com este verso, Thiago de Mello lança um olhar crítico e de indignação, mostrando uma postura política contra as práticas capitalistas de exploração na Amazônia. Esta mesma Amazônia que é uma nação com um povo e identidade cultural, mas que é oprimida dentro de uma nação maior. Esta traição parte da principalmente da exploração predatória de madeira, recursos minerais e caça de animais e isso tem se intensificado principalmente pela posse de terras. Esta posse de terras, onde se tem uma cultura de costumes predatórios que são os loteamentos, minerações, desmatamentos e gado causando graves agressões aos ecossistemas. De acordo Carneiro (2003) “A maior parte da agressão contra a natureza, em todo o mundo, tem origem na exploração irracional da terra, que começa com a apropriação injusta e a do Brasil é a mais injusta de todas.”. Essas ações tem um impacto direto na vida das populações que vivem à margem do rio e sobrevivem dele, pois tiram seu sustento e alimento para sua sobrevivência. Essa convivência vem ser compreendida na lírica de Thiago de Mello com uma verdadeira convivência solidária, onde a visão antropocêntrica sobre, assim como também da natureza.

Porque é aqui no coração do
silencia da Floresta Amazônica
que criaturas simples e humildes
constroem há centenas de anos a
civilização da água, cujas leis e valores são
diferentes são diferentes das que marcam a vida
atormentada dos grandes centros urbanos. [...]
E, contudo, são capazes de amor. Quem viaja nesta Pátria da Água
descobre que os caboclos ribeirinhos vivem em permanente estado de
solidariedade. Têm a vocação da convivência fraterna. Embora não
saibam soletrar a palavra utopia. (Mello, 2007, p. 142)

Thiago de Mello mostra que a Pátria da Água é formada por todas as criaturas que habitam suas margens. Nisto fala do espaço amazônico que tem princípios e valores únicos que regem a convivência solidária do homem com a biodiversidade. A exploração da convivência solidária com a natureza nestes versos mostra justamente o equilíbrio ecológico que vem sendo drasticamente prejudicado. Essas leis carregam princípios morais e políticos que tem sido violado e o Índio, o caboclo, o ribeirinho, o homem do interior tem sido drasticamente prejudicados, como também manipulados.

Essa convivência fraterna tem se alterado de maneira drástica, pois como explica Ab'Sáber (2004) a ocupação e o uso do espaço a partir da beira do rio, na Amazônia, tem sofrido mudanças negativas, em muitas áreas da região. E isso se dá tanto com a prática extensiva da pecuária na criação de gado, devastando florestas,

como também na exploração ilegal de garimpos poluindo as margens do rio de onde vem o peixe, alimento e sustento dos amazônidas ribeirinhos.

Essa discussão em torna na relação do homem com o meio ambiente é muito debatida dentro da ecocrítica, pois como diz Johnson (2009) não se pode separar o ambiente com um fenômeno isolado, pois as relações deste ambiente com o homem estão em uma espécie de vínculo que tem suas injustiças devido à tentativa de soberania humana sobre a natureza. Conviver não apenas em solidariedade, mas em justiça com o meio ambiente é uma das principais formas de protegê-lo. Ela também fala sobre a Imaginação ambiental global em que se tem um olhar além da imediação de lugar, não apenas como uma questão regional, mas um lugar que merece lealdade e preservação.

É dessa forma que Thiago de Mello nos convida a preservar a floresta, colocando-a como uma preocupação global para o futuro da humanidade com relação ao equilíbrio climático. Nesse contexto, como afirma Nascimento (2014) a Amazônia aparece como uma região de interesse especial pela sua bacia hidrográfica e sua riqueza em biodiversidade. Em sua lírica versa que a floresta deve ser usada mais humanamente, não negando que a Amazônia precisa ser ocupada e desenvolvida, mas de maneira sustentável.

3.3 Futuros: Sustentabilidade na Floresta

No contexto de globalização as grandes potencias capitalistas sempre são alvo de duras críticas principalmente pelo crescimento das empresas que buscam atender uma grande demanda populacional consumista, aumentado assim o consumo de matérias primas. Os agravantes de poluição estão no ar gerando o efeito estufa derretendo as geleiras em um aquecimento global, os buracos na camada de ozônio, desmatamento, poluição dos rios e oceanos.

Estas discussões têm entrado em ampla discussão desde a década de 60 e tomado um inacreditável impulso ao fim da década de 80 e início dos anos 90, políticas ambientais passaram ser amplamente discutidas. De acordo com Nascimento (2014) neste processo de globalização ambiental, as regiões de floresta tropical adquiriram grande para a conservação da biodiversidade, pensando principalmente no equilíbrio climático global.

A mudança de perspectiva poética de Thiago de Mello se dá a partir deste processo de globalização que são apropriadas pela cultura através da inflexão cultural. As problemáticas ambientais que busca representar em sua poesia estão nos mais amplos espaços de discussão. O grande diferencial é que ele trata de problemas de âmbito científico e ecológico culturalmente. Na prosa poética *A floresta pede amor e Ciência* temos a completa demonstração da união em uma ecologia social e cultural:

Muito na Amazônia ainda está por ser descoberto. Mas de muito já se sabe. Dos recursos minerais de seu subsolo, que despontam cada dia maiores, em descobertas que se sucedem... (Mello, 2002, p. 85)

A Amazônia na contemporaneidade está inteiramente ligada à questão da globalização sendo grande alvo de políticas neocoloniais na busca de recursos minerais em uma região rica que precisa ser preservada. A crise ecológica é real e a escassez de recursos minerais torna a Amazônia um local de grande foco para esta prática. Carneiro (2003) é crítico e incisivo quando diz que a crise ecológica advém do abuso sem medidas da natureza, sendo um fenômeno que se dá em todo o mundo. E a crise ecológica está sendo vivenciada. Dentre estas crises que a Amazônia enfrenta hoje temos inundações, incêndios florestais, poluições, acúmulos de lixo, extinção de espécies animais, etc.

Considerações Finais

A ecocrítica enquanto teoria dos estudos culturais buscou aliar a teoria literária com o discurso ambiental e ecológico para entender os processos de ramificação de preocupações ambientais na poesia de Thiago de Mello. Através da poética das águas o poeta utiliza símbolos e visões metafóricas como uma revitalização dos problemas sociais e ambientais da Amazônia. Em uma fusão de ecologia e cultura em que sua poesia desenvolve um posicionamento e uma postura ambiental em defesa da natureza.

Seu despertar para o verde traz contribuições significativas para os estudos ecocríticos no Brasil e em toda a América Latina, sendo uma obra fundamental para a dinamização desses estudos. Assim como nos Estados Unidos da América se tem a obra “*Silent Spring*” de Rachel Carson, considerada a precursora do ambientalismo moderno e estudos ecocríticos por unir conhecimento ecológico com literatura, temos no Brasil a obra “*Amazonas, Pátria da Água*”. Esta obra é um verdadeiro manifesto em defesa da natureza e da Amazônia alertando para os perigos que ameaçam essa região e profetizando uma crise ambiental maior. Porém, sem deixar de acreditar com esperança que essa situação pode se reverter.

Os problemas ambientais na Amazônia são resultantes, tanto da ação humana como também a omissão por parte de políticas públicas governamentais que para Ab’Sáber (2004) fracassaram nas políticas agropecuárias, indigenistas e permissivismo na política de terras. Além do total descaso e desprezo com as populações tradicionais não havendo incentivos que realmente trouxessem um avanço sustentável para a Amazônia.

Este estudo cumpre seus principais objetivos trazendo um discurso crítico e transformador, mostrando que através da literatura se é possível debater os problemas ambientais em suas representações e construções. Goodbody (2014) esclarece que a literatura como as sociedades se posicionam em relação à natureza, dando voz a aspectos da cultura, e é por este motivo que esta análise é mais cultural que ecológica. A ecocrítica cumpre seu papel enquanto dinamizadora e difusora da crise ambiental.

A principal distintividade no discurso literário de Thiago de Mello está na valorização da natureza em comunhão com o homem amazônico, mostrando que é possível viver e conviver de maneira solidaria e justa com a natureza. Assim nos mostra

um postura moral e política diante das ameaças à região amazônica colocando o modo de habitar a terra das populações ribeirinhas como um modelo ecológico.

Esta pesquisa se encerra mostrando a importância dos estudos em ecocrítica na América Latina, trazendo a poesia de Thiago de Mello como perspectiva para futuros estudos na Amazônia. A fusão que ocorre entre literatura e conhecimento ecológico é um fenômeno literário que tem ocorrido amiúde em outros países e que precisam de maior destaque.

Referências

- AB'SÁBER, Aziz. **A Amazônia: Do discurso à Práxis**. 2. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paul, 2004.
- AB'SÁBER, Aziz. **Problemas da Amazônia brasileira**. Entrevista a Dario Luis Borelli et al. *Estud. av.* vol.19 no.53 São Paulo Jan./Apr. 2005.
- BATISTA, Djalma. **Amazônia – Cultura e Sociedade**. 3ª edição. Organização de Tenório Telles – Manaus: Editora Valer, 2006.
- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril, Curitiba, 1974
- BACHELARD, Gaston, 1884-1962. **A água e os sonhos : ensaio sobre a imaginação da matéria** / Gaston Bachelard ; [tradução Antônio de Pádua Danesi]. - São Paulo : Martins Fontes, 1997. - (Coleção Tópicos)
- CARNEIRO, Augusto Cunha. **A história do Ambientalismo**. – Porto Alegre: Editora Sagra Luz-zatto, 2003.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 9. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008. – (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v. 16)
- COHEN, Michael P. Blues in the Green: Ecocriticism Under Critique. *Environmental History*. 2004. Posted with permission to the ASLE <https://website.www.asle.org>.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio a cerca das ciências e da filosofia**; tradução Renée Eve Lévié. – 5ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**; tradução Maria Cistina F. Bittencourt. – Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- GARRARD, Greg. **Ecocrítica**; tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- GIFFORD, Terry. **A Ecocrítica na Mira da Crítica Atual**. Rio de Janeiro: Terceira Margem, 2009. Número 20.
- GOODBODY, A. A Ecocrítica alemã: Um panorama. *Pandaemonium*, São Paulo, v. 17, n. 24, Dez. /2014, p. 1-19.

- GONZÁLEZ, Maurício Ostria. **Aproximación Ecocrítica a Textos Literários**. Quito: Kipus Revista Andina de Letras, 2010, n. 27. ISSN:1390-0102
- JOHNSON, Loretta. **Greening the Library: The Fundamentals and Future of Ecocriticism**. CHOICE: Bibliographic Essay, 2009. Posted with permission to the
- LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 7. Ed. – São Paulo: Atlas, 2010.
- ODÍLIA, Fachin. **Fundamentos de Metodologia**. 5. Ed. [ver.] – São Paulo: Saraiva, 2006.
- JOHNSON, Loretta. **Greening the Library: The Fundamentals and Future of Ecocriticism**. CHOICE: Bibliographic Essay, 2009. Posted with permission to the
- MELLO, Thiago de. **Melhores poemas Thiago de Mello**. 1. Ed. São Paulo: Global, 2009 – (Coleção Melhores poemas)
- MELLO, Thiago. **Amazonas, pátria da água, e; Notícia da visitação que no verão de 1953 ao Rio Amazonas e seus barrancos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- MELLO, Thiago de. **Amazonas: pátria da água** = Amazonas: water hermland/ textos e poemas/ texts and poems Thiago de Mello; fotografias/ photographs Luiz Cláudio Marigo; São Paulo: Gaia: Editora Boccato, 2007.
- MELLO, Thiago de. **Mormaço na floresta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Massao Ohno, 1981.
- NASCIMENTO, Izaura. **Globalização ambiental – organizações não governamentais e redes na Amazônia** – Manaus: Editora Valer e Fapeam, 2014.
- PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**; tradução Rômulo Monte Alto. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- SILVEIRA, Denise Tolfo & Cósдова, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In Métodos de pesquisa [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira: coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SAEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- TRINDADE, Liana Sálvia. **O que é imaginário** / liana Trindade, François Laplantine. São Paulo; Brasiliense, 1997.